

НОВАЯ АНТОЛО ГИЯ РУССКО ГО РАССКАЗА

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

POLZUNKOV

TRADUÇÃO DE
DENISE SALES

16	3	2	13
5	10	11	8
9	6	7	12
4	15	14	1

Fiódor Dostoiévski

POLZUNKOV

Tradução de Denise Sales

editora ■ 34

Fiódor Dostoiévski

Este conto pertence à fase inicial da obra de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881), e foi publicado no *Almanaque Ilustrado* de Ivan Panáiev e Nikolai Negrásov. Segundo Leonid Grossman, foi “autorizado pela censura em 26 de fevereiro de 1848. A coletânea foi retida após a impressão e não pôde ser distribuída” (*Dostoiévski artista*, p. 188). Possui afinidades temáticas e estilísticas com obras como *A senhoria*, “O ladrão honrado”, “Um coração fraco” e, especialmente, com *O senhor Prokhardtchin* (brilhantemente analisado por Boris Schnaiderman em seu *Dostoiévski: prosa poesia*) em sua violenta fragmentação de linguagem e pensamento. A crítica habitualmente localiza em “Polzunkov” o primeiro da série de “bufões-filósofos” dostoiévskianos, e vê nele uma marca da leitura de *O sobrinho de Rameau*, de Diderot. O conto foi traduzido por Olívia Krähenbühl para a coleção de obras de Dostoiévski da editora José Olympio, e ganha aqui sua primeira tradução direta do original. (Nota de Bruno Barretto Gomide)

Comecei a examinar bem aquele homem. Até na sua aparência havia algo singular, que nos obrigava, automática e subitamente, por mais distraídos que estivéssemos, a cravar nele o olhar e, no mesmo instante, rebentar no riso mais desbragado. O mesmo aconteceu comigo. É preciso observar que os olhinhos daquele pequeno senhor eram tão irrequietos ou, no final das contas, que ele próprio, inteiro, era tão suscetível ao magnetismo de qualquer olhar a ele dirigido, que, quase por instinto, adivinhava estar sendo observado e, no mesmo instante, virava-se para o observador e analisava o seu olhar com inquietação. Por causa da constante mobilidade, da agilidade dos rodopios, ele parecia na verdade uma ventoinha. Que estranho! Parecia ter medo de zombarias, mas, ao mesmo tempo, ganhava o seu pão praticamente como um completo bufão e, com humildade, oferecia a própria cabeça a todo tipo de piparote, no aspecto moral e até no físico, dependendo da companhia em que se encontrasse.

Bufões voluntários não despertam nem pena. Mas logo observei que aquela criatura estranha, aquele homem engraçado não era de modo algum bufão por profissão. Nele restava ainda algo de nobre. Uma aflição, um receio constante e doentio por si próprio já depunham a seu favor. Parecia-me que todo o seu desejo de agradar vinha antes do bom coração do que dos ganhos materiais. Permitia com prazer que rissem dele alto e do modo mais indecoroso, na cara; porém, ao mesmo tempo — e quanto a isso posso jurar — o seu coração apertava e sangrava ao pensar que os espectadores pudessem ser tão cruéis a ponto de rirem não de um fato, mas dele, de todo o seu ser, do seu coração, da sua cabeça, da sua aparência, de todo o seu suor e sangue. Estou convencido de que ele sentia nesse instante toda a estupidez da sua posição; mas o protesto, em seguida, morria em seu peito, embora forçosamente renascesse a cada vez do modo mais magnânimo. Estou convencido de que tudo isso não acontecia por outro motivo senão por seu bom coração, e de modo algum pelo prejuízo material de ser enxotado a tapas e de deixar de pegar dinheiro emprestado dos outros: aquele senhor pedia emprestado constantemente, ou seja, era assim que pedia esmolas, quando, depois de ter feito caretas e provocado riso por conta própria, sentia que, de certa forma, tinha direito de tomar emprestado. Mas, Deus meu! Que empréstimo era aquele! E com que cara ele o tomava! Eu nem podia supor que, em um espaço tão pequeno como o rosto enrugado e anguloso daquele homem, pudessem caber, a um só tempo, caretas tão diversas, sensações tão estranhas e variadas, tantas impressões das mais fulminantes. O que não havia ali! Certa vergonha, um descaramento simulado, irritação acompanhada de súbito rubor no rosto, e ainda cólera, vergonha pelo fracasso, desculpas por ter ousado incomodar, a consciência do próprio valor e a mais completa

consciência da própria insignificância — tudo isso passava como um raio por seu rosto. Há seis anos inteiros ele sobrevivía assim neste mundo de Deus e ainda não conseguira compor para si uma figura definitiva no interessante momento do empréstimo! É evidente que se transformar em um insensível e infame ele não poderia nunca. O seu coração era muito vivo, ardente! Digo até mais: em minha opinião, ele era o homem mais honesto e nobre do mundo, porém com uma pequena fraqueza: cometer infâmias à primeira ordem, de bom coração e com desinteresse, apenas para satisfazer o próximo. Numa palavra, era inteiramente o que se chama de homem-trapo. O mais engraçado de tudo é que se vestia quase igual aos outros, nem pior, nem melhor, limpo, até com certo requinte e pretensão à solidez e à dignidade. Essa igualdade externa e desigualdade interna, a preocupação consigo e, ao mesmo tempo, a autodepreciação contínua, tudo isso produzia o mais impressionante contraste e era digno de riso e de pena. Se ele tivesse a certeza, de todo o coração (o que, apesar da experiência, a cada minuto lhe acontecia), de que todos os seus espectadores eram as pessoas mais bondosas do mundo, que riam apenas do fato engraçado e não da sua pessoa, irremediavelmente perdida, então com prazer tiraria o fraque e o vestiria de qualquer jeito, do avesso, e sairia assim pelas ruas, para satisfação dos outros e para seu próprio deleite, apenas para fazer rir os seus protetores e proporcionar prazer a todos eles. Mas à igualdade ele não poderia chegar nunca e de modo nenhum. Mais um traço: o excêntrico tinha muito amor-próprio e, por impulso, posto que não houvesse perigos, podia ser até generoso. Era preciso ver e ouvir como ele sabia imitar, às vezes sem se poupar e, portanto, com risco, quase com heroísmo, algum dos seus *protetores* que o tivesse enfurecido ao extremo. Mas isso acontecia só por alguns minutos... Em resumo, ele era um mártir no pleno sentido da palavra, mas o mártir mais inútil e, conseqüentemente, o mártir mais cômico.

Entre os convidados começou uma discussão geral. De repente, vi o meu excêntrico pular em cima de uma cadeira e gritar com todas as forças, querendo que só a ele dessem a palavra.

— Escute — sussurrou-me o anfitrião. — Ele às vezes conta coisas curiosíssimas... O senhor o considera interessante?

Eu balancei a cabeça e apertei-me no meio da multidão.

Realmente, a visão daquele senhor bem-vestido, pulando em cima de uma cadeira e gritando a plenos pulmões, despertou a atenção geral. Muitos que não conheciam o excêntrico entreolhavam-se perplexos, outros gargalhavam bem alto.

— Eu conheço Fedossiêi Nikoláitch!² Eu melhor do que todos devo conhecer Fedossiêi Nikoláitch! — gritava o excêntrico do alto de onde estava. — Senhores, permitam-me contar. Vou contar uma boa sobre Fedossiêi Nikoláitch! Eu conheço uma história, uma maravilha!

— Conte, Óssip Mikháilitch,³ conte.

— Vá contando!

— Então escutem...

— Escutem, escutem!!!

— Vou começar; mas, senhores, essa é uma história singular...

— Está bem, está bem!

— Essa é uma história cômica.

— Muito bem, extraordinário, maravilhoso, vamos lá!

— Esse é um episódio da vida pessoal do seu mais profundo...

— Mas pra que então se deu ao trabalho de informar que é cômica!

— E até um pouco trágica!

— Ah???

— Numa palavra, essa história, que dará a todos os senhores a felicidade de me ouvirem agora, senhores, essa história, por causa da qual acabei em companhia de tanto *interesse*.

— Sem trocadilhos!

— Essa história...

— Numa palavra, essa história, pois termine logo o apólogo, essa história, que tem um custo — manifestou-se com voz rouca um jovem loiro de bigodes, enfiando a mão no bolso da sobrecasaca e tirando de lá, como que por acaso, o porta-moedas em vez do lenço.

— Essa é uma história, meus senhores, depois da qual eu gostaria de ver muitos dos senhores no meu lugar. E, enfim, esta é a história por causa da qual não me casei!

— Não se casou!... Casar-se!... Polzunkov queria casar!!

— Imagino, queria ver agora a madame Polzunkova!

— Permita-me perguntar, como se chamava a possível madame Polzunkova? — piou um rapazinho, abrindo caminho até o narrador.

— O primeiro capítulo, então, senhores: isso foi exatamente seis anos atrás, na primavera, trinta e um de março, observem a data, senhores, na véspera...

— Do primeiro de abril! — gritou um rapazinho de cabelos encaracolados.

— O senhor acertou em cheio. Era final de tarde. Sobre a cidade provinciana de N., adensava-se o crepúsculo, a lua queria despontar... bem, tudo como deve ser. Eis que, no mais derradeiro crepúsculo, às escondidas, também eu despontei da minha casinhola — depois de me despedir da falecida e tapada vovozinha. Desculpem-me, senhores, por usar essa expressão da moda, que ouvi pela última vez na casa de Nikolai Nikoláitch. Mas a minha vovó era de todo *tapada*: cega, surda, muda, e burra, enfim tudo o que quiserem!... Reconheço, eu estava tremendo, preparava-me para um negócio grandioso; o meu coraçãozinho batia como o de um gatinho quando uma manzorra ossuda, não se sabe de quem, pega-o pelo cangote.

— Permita-me, *monsieur* Polzunkov!

— O que deseja?

— Simplifique; por favor, não se esforce demais!

— Entendo, senhor — pronunciou Óssip Mikháilitch, um pouco embaraçado. — Entrei na casinha de Fedossiêi Nikoláitch (adquirida com esforço próprio). Fedossiêi Nikoláitch, como se sabe, não era nenhum colega, era um verdadeiro chefe. Anunciaram-me e, já no mesmo instante,

levaram-me ao gabinete. Vejo como se fosse hoje: um cômodo quase completamente escuro, mas não traziam velas. Olhei, vi que Fedossiêi Nikoláitch vinha entrando. E assim ficamos nós dois na escuridão...

— E o que foi que aconteceu entre os senhores? — perguntou um oficial.

— O que o senhor acha? — perguntou Polzunkov, voltando de imediato o rosto convulsivamente agitado na direção do jovem de caracóis.

— E então, senhores, aqui aconteceu uma circunstância estranha. Isto é, de estranho aqui não havia nada, havia o que se costuma chamar de negócio corriqueiro; eu, muito simplesmente, tirei do bolso um rolo de papéis, e ele tirou do dele um rolo de papeizinhos, só que do governo...

— Em notas?

— Em notas, e fizemos a troca.

— Posso apostar que aí tem cheiro de propina — pronunciou um jovem senhor, elegante, de cabelos bem cortados.

— Propina! — replicou Polzunkov. — Eh! Pois serei liberal, já vi de tudo! O senhor também, se servisse na província, ia querer aquecer as mãos... no fogo da pátria... um literato disse: a fumaça da pátria nos parece doce e agradável!⁴ A mãe, a mãe pátria, senhores, a pátria nossa, somos filhotinhos, por isso mamamos nela!

Ergueu-se um riso geral.

— Apenas, senhores, acreditem ou não, eu nunca recebi propinas — disse Polzunkov, esquadrinhando toda a assembleia com um olhar suspeitoso.

Um riso homérico, contínuo, numa única explosão, abafou as palavras de Polzunkov.

— Verdade, assim é, senhores...

Mas aqui ele parou e, com uma expressão estranha no rosto, continuou a esquadrinhar a todos. Pode ser — quem sabe — pode ser que, nesse minuto, ele tenha percebido que era mais honrado do que muitos daquela honrada plateia... Mas a expressão séria do seu rosto só desapareceu depois da hilaridade geral.

— Pois então — começou Polzunkov, quando todos emudeceram —, embora eu nunca aceitasse propina, daquela vez pequei: guardei no bolso a propina... do propinador... Ou seja, havia uns documentozinhos em minhas mãos, que, se eu resolvesse mandar a certa pessoa, o negócio ficaria mal para Fedossiêi Nikoláitch.

— Então, quer dizer que ele os resgatou?

— Resgatou...

— Deu muito?

— Deu o tanto pelo qual, no nosso tempo, alguém venderia a própria consciência, inteirinha, com todas as suas variações... se apenas lhe dessem algo. Só que me enchi de breu quando coloquei no bolso aquele cobrinho. Palavra, não sei como isso sempre acontece comigo, senhores, mas, vejam bem, mais morto do que vivo, lábios tremendo, joelhos batendo; sim, culpado, culpado,

completamente culpado, a consciência na lama, pronto a pedir perdão a Fedossiêi Nikoláitch...

— E ele, perdoou?

— Eu é que não pedi... só estou dizendo que foi assim que aconteceu; quer dizer, tenho o coração ardente. Vi que ele me olhava diretamente nos olhos: — “Será”, ele disse, “que o senhor não teme a Deus, Óssip Mikháilitch?” Mas, o que fazer! Assim, por decência, abri os braços, virei a cabeça. — “O que é isso, Fedossiêi Nikoláitch? Como não temer a Deus?” Falei assim só por decência, na verdade estava pronto a desaparecer terra adentro. — “Sendo há tanto tempo amigo da nossa família, sendo, posso dizer, um filho; mas quem sabe o que os céus pretendem, Óssip Mikháilitch! De repente, veja o quê, uma denúncia, prepara uma denúncia, e eis agora! Depois disso, o que pensar das pessoas, Óssip Mikháilitch?” Pois então, senhores, que sermão pregava! — “Agora me diga, o senhor me diga, o que pensar das pessoas depois disso, Óssip Mikháilitch?” “O que pensar”, penso eu! Sabem, a minha garganta raspava e a vozinha tremia, pois eu já pressentia o meu mau caráter, então peguei o chapéu... — “Mas aonde está indo, Óssip Mikháilitch? Será que na véspera de um dia como esse... Será que justo agora o senhor vai mostrar rancor; que pecado cometi contra o senhor?” — “Fedossiêi Nikoláitch, digo eu, Fedossiêi Nikoláitch!” Bem, isto é, derreti, senhores, como um homem meloso, derreti. Que coisa! E o pacote que eu tinha no bolso, com os títulos, também ele parecia gritar: você é um ingrato, bandido, larápio maldito, como se houvesse cinco *puds* dentro dele, de tanto que pesava... (Se de verdade houvesse cinco *puds* nele!...) — “Estou vendo”, disse Fedossiêi Nikoláitch, “estou vendo o seu arrependimento... o senhor, sabe, amanhã...” — “É o dia de Maria Egipcíaca...” — “Bem, não chore”, disse Fedossiêi Nikoláitch, “basta: pecou e arrependeu-se! Vamos! Talvez eu consiga colocar o senhor, disse ele, de volta no bom caminho... Talvez, meus modestos penates (exatamente assim, eu me lembro, penates, foi assim que se expressou, bandido) reconfortem, disse ele, o seu coração endureci... não direi endurecido, mas desviado...” Ele me pegou pela mão, senhores, e me levou aos de casa. Um frio percorreu a minha espinha, comecei a tremer! Pensei: com que cara vou me apresentar... Mas os senhores precisam saber... como posso dizer, que aqui estava acontecendo um negocinho delicado!

— Não seria a senhora Polzunkova?

— Maria Fedossiêievna apenas não estava destinada; parece que teria sido essa a senhora de que os senhores falam, mas não chegou a ter essa honra! Isso, vejam, esse Fedossiêi Nikoláitch estava certo em dizer que naquela casa me consideravam quase como filho. Já era assim meio ano antes, quando ainda estava vivo o cadete reformado Mikhailo Maksímitch, de sobrenome Dvigáilov. Só que ele foi chamado por Deus, e terminar o testamento isso ele não fez, engavetou e ficou adiando; acontece que depois não o acharam em gaveta nenhuma.

— Ooh!!!

— Mas, tudo bem, fazer o quê? Senhores, perdão, me descuidei, esse pequeno trocadilho saiu mal, mas tudo bem ter saído mal porque a coisa foi ainda pior quando fiquei, por assim dizer, sem nenhuma perspectiva, já que o tal cadete reformado, embora não tivessem me deixado entrar

para vê-lo (vivía à larga, isso porque tinha costas quentes!), me considerava um filho de sangue, e, talvez, não equivocadamente.

— Aha!!!

— Sim, eis como foi! E então começaram a torcer o nariz pra mim na casa de Fedossiêi Nikoláitch. Eu fiquei reparando, reparando, e tentando, tentando resistir, mas, então, de repente, para minha desgraça (ou talvez para minha felicidade!), como neve despencando do céu, um oficial da cavalaria veio parar em nossa cidadezinha. O negócio dele, é verdade, era algo assim apressado, ligeiro, de cavalaria, só que se fixou tão firmemente na casa de Fedossiêi Nikoláitch, bem, feito um morteiro, entrincheirou-se! E eu, fazendo rodeios, meio à parte, com esse meu caráter vil, “foi assim e assim”, digo a Fedossiêi Nikoláitch, “por que então ofender? De certa forma, sou um filho, ora... então até quando vou ter de esperar algo paternal, de pai...?”. Ele então começou, meus senhores, a responder! Quer dizer, bem, começou a falar, veio com um poema inteiro, doze cantos em versos, e o outro escutando, lambendo os beijos e abrindo os braços de tanta doçura, mas, sentido, não tinha nem um pinga, ou seja, qual era o sentido não se percebia, não se entendia, o outro ficava lá com cara de bobo, ele deixava tudo enevoado, agitava-se como uma enguia, escapava, eh, um talento, simplesmente um talento, tinha tal dom que vendo de fora causava medo. Eu me lançava pra todos os lados, ora pra cá, ora pra lá! Até arrastava cantorias, levava bombons, chocava trocadilhos, ais e uis, o meu coração doía, digo, doía por causa do Cupido, e ainda lágrimas, toda uma explicação misteriosa! Que estúpido! Nem confirmou com o sacristão que eu já tinha trinta anos... que nada! Queria dar uma de esperto! Isso não! Mas o meu negócio não ia bem, zombarias e risos, e eu, bem, fiquei enfurecido, sufocava-me a garganta, saí de banda, naquela casa não punha nem um pé, pensei-pensei, e zás: a denúncia! Bem, foi uma vileza, era um amigo que eu queria denunciar, reconheço, material mesmo havia muito, material dos bons, negócio capital! Mil e quinhentos em prata, foi o que peguei quando fiz a troca pela denúncia, em títulos!

— Ah! Aí está, a propina!

— Sim, senhor, havia ali uma propinazinha, recebi de um propinador! (E nem é pecado, verdade, não é mesmo!) Mas, então, vou continuar: ele me arrastou, se fizerem a gentileza de lembrar, até a sala de chá, e mais morto do que vivo; todos me receberam como que ofendidos, isto é, não estavam bem ofendidos, mas tão pesarosos que, simplesmente... Bem, arrasados, completamente arrasados, mas, ao mesmo tempo, um ar de importância brilhando no rosto, uma solidez no olhar, algo assim paternal, de família... o filho pródigo voltou para nós — eis a que ponto chegava! Convidaram a sentar para o chá, mas eu sentia como se tivesse um samovar no peito, fervendo dentro de mim, e as pernas congelavam: me rebaixei, me acovardei! Maria Fominichna, esposa dele, conselheira estatal de sétimo grau (agora de terceiro), começou a me tratar por *você* já na primeira frase: “O que aconteceu, querido, você emagreceu tanto”, disse ela. “Pois é”, digo, “estou adoentado, Maria Fominichna...”. E sai uma vozinha tremida! Mas, sem mais nem menos, ela pelo visto temporizava com insinuações, uma víbora: “Que coisa, pelo visto, a consciência da sua

alma”, dizia ela, “está fora da medida, Óssip Mikháílitch, filho querido! Nossa hospitalidade de parente”, diz, “clama por você!”, diz. “Terá de pagar, pelo visto, as minhas lágrimas de sangue!” Juro, foi assim que ela falou, contra a própria consciência; e o que esperar dela, velhaca estridente! Não fazia nada senão ficar servindo o chá. “Eh, minha pombinha”, eu pensava, “no mercado, é capaz de gritar mais do que todas.” Eis quem era a mulher, a nossa conselheira! Mas aqui, para minha desgraça, entra Maria Fedossiêievna, a filhinha, com todas as suas inocências, um tantinho pálida, os olhinhos vermelhos, parece que de lágrimas; eu, feito bobo, fui abatido ali mesmo, na hora. Depois se esclareceu: era pelo oficial da cavalaria que ela derramara lágrimas; este fugiu de volta pra casa, deu no pé são e salvo, porque, os senhores sabem, pelo visto (a propósito, é bom dizer), tinha chegado a hora de partir, vencera o prazo, mas não porque houvesse um prazo na caserna! Pois então... só depois é que os veneráveis pais se aperceberam, ficaram sabendo de toda a sujeira, mas o que fazer? Às escondidas remendaram a desgraça que se abatera sobre a própria casa! Bem, não havia o que fazer, assim que olhei pra ela, fiquei perdido, simplesmente perdido, busquei o chapéu com o rabo do olho, queria passar a mão nele e fugir bem rápido, mas nada ali: tinham levado o meu chapéu... Pois eu, pra ser franco, até sem chapéu queria ir, aí pensei, não, passaram o trinco na porta; começaram uns risinhos amigáveis, piscadelas e bajulações, eu me desconcertei, inventei mentiras, falei de Cupido; ela, minha pombinha, sentou-se ao clavicórdio, foi cantando num tom ofendido: o hussardo, apoiando-se no sabre...⁷ Ai, minha morte! “Muito bem”, disse Fedossiêi Nikoláitch, “tudo esquecido, venha, venha... um abraço!” Eu, do jeito que estava, assim mesmo, afundei o rosto no colete dele. “Meu benfeitor, meu pai querido!” — eu disse, e que lágrimas amargas verti! Senhor, Deus meu, o que se viu então! Ele chorando, a mulher dele chorando, Máchenka chorando... e estava ali ainda uma mulher aloirada, e essa também chorando... e então, de todos os cantos, apareceram criancinhas, uma atrás da outra (o Senhor abençoou a casinha dele), e essas também berravam... quanta lágrima, ou seja, que comoção, que alegria, recebiam o filho pródigo, como se um soldado voltasse à pátria! Então serviram comes e bebes, e vieram as prendas: ai, está doendo! O que está doendo? O coração; por quem? Ela enrubesceu, a pombinha! Eu e o velho bebíamos ponche. Então saíram, adoçaram-me completamente.

Voltei para a casa da minha avó. A cabeça andava em círculos; fiz o caminho todo rindo, em casa gastei duas horas inteiras andando pelo cubículo, acordei a velha, comuniquei a ela toda a minha felicidade. “Então, deu o dinheiro, o ladrão?” — “Deu, vovó, deu, deu, minha querida, deu, a sorte nos sorriu, abra os portões!” — “Pois agora pode se casar, já passava da hora de se casar”, disse a velha, “quer dizer que ouviram as minhas preces!” Acordei Sofron. “Sofron”, digo, “tire as minhas botas.” Sofron arrancou as botas dos meus pés. “Muito bem, Sofrocha!⁸ Agora me dê os parabéns, um beijo! Vou me casar, simples assim, irmão, vou me casar, amanhã beba até cair, solte a alma, digo: o seu senhor vai se casar!” Risos e folias no coração!... Eh, já começava a chegar o sono; mas não, de novo despertei, sentei e fiquei pensando; de repente, um lampejo: eh, amanhã, primeiro de abril, um dia tão luminoso, divertido, e então? Aí tive a ideia! É isso, pensei! Pois então,

senhores! Levantei da cama, acendi a vela, sentei à escrivaninha nesse estado, ou seja, completamente fora de mim, sem noção do tempo — sabem como é, senhores, em turbilhão! De caso pensado, meus senhores, fui parar na lama! Ou seja, eis o meu caráter: eles tomam isto, e você ainda entrega mais aquilo: diz peguem, tomem mais isso! Dão-lhe uma na face, e você oferece as costas inteiras, todo contente.⁹ Depois lá vêm eles com um pedaço de pão, como a um cachorro, começam a atrair, e você, na mesma hora, de todo coração, de toda a alma, levanta as patinhas tolas, e beijos! Pois ainda agora, senhores! Os senhores estão rindo, ficam cochichando, pois eu estou vendo! Depois, assim que eu contar todo o meu segredo, vão começar a rir de mim, vão querer me tocar daqui, ainda assim eu falo, falo, falo! Mas quem me mandou falar? Então, quem vai me tocar daqui? Quem fica às minhas costas, sussurrando: “fale, fale, conte tudo”?! Pois bem, eu falo, eu conto, vou fundo na alma, como se os senhores fossem todos, por exemplo, irmãos queridos, amigos íntimos... he, he!

Uma gargalhada começou a se erguer aos pouquinhos, de toda a parte, e afinal abafou de todo a voz do narrador, que havia chegado realmente ao êxtase. Ele parou; por alguns minutos percorreu a assembleia com os olhos, e depois, de repente, como que arrebatado por um turbilhão, acenou com a mão, começou a gargalhar também, parecendo achar engraçada a própria situação e, de novo, pôs-se a contar:

— Mal peguei no sono naquela noite, senhores; a madrugada inteira, fiquei rabiscando um papel; pois, vejam só, inventei uma peça! Eh, senhores! Só de lembrar, dá vergonha! E se ainda fosse noite: mas, com olhos bêbados, fiz besteiras, cometi um erro, vejam só! De manhã, acordei ao romper do dia, no total dormi uma horinha ou duas, e pronto! Troquei a roupa, lavei-me, arrumei o cabelo, passei gomalina, enfiei um fraque novo e fui direto à casa de Fedossiêi Nikoláitch, comemorar o feriado, com a folha metida no chapéu. Ele próprio me recebeu, de braços abertos, e eu de novo ao colete paternal! E eu com ares de importância, na cabeça ainda tudo do dia anterior! Recuei um passo. “Não”, eu disse, “Fedossiêi Nikoláitch, aqui está, se quiser, faça o favor, leia esse papel.” E então lhe entreguei o informe; e, no informe, sabem o que estava escrito? Estava escrito: por isso e mais aquilo, este Óssip Mikháílitch entrega o pedido de dispensa, e, depois do pedido, ainda a assinatura! Eis o que eu tinha inventado, senhores! Não podia ter pensado em nada mais engenhoso! Quer dizer, hoje é primeiro de abril, então, de brincadeira, faço de conta que não esqueci a ofensa, que pensei melhor à noite, pensei melhor e fiquei chateado, fiquei ainda mais ofendido, e, além disso, dos senhores, meus queridos benfeitores, nem dos senhores, nem da sua filhinha não quero saber; ontem embolsei um dinheirinho e pronto, estou garantido; eis aqui o informe com o pedido de dispensa. Não quero servir sob o comando de um chefe como esse Fedossiêi Nikoláitch! Quero outro serviço, e lá, veja bem, a denúncia será entregue. Que canalha me mostrei, inventei de assustá-los! E o que inventei! Ah? Boa ideia, hein, senhores? Ou seja, o meu coração tomara afeição por ele desde o dia anterior, então vou lançar uma brincadeirinha de família, zombar do coraçãozinho paterno de Fedossiêi Nikoláitch...

Assim que pegou no papel, virou-se, e eu vi toda a sua fisionomia tremer. “O que é isso, Óssip Mikháilitch?” E eu, feito bobo: “Primeiro de abril! Bom feriado, Fedossiêi Nikoláitch!”. Ou seja, igual a um garotinho que se esconde caladinho atrás da poltrona da vovó e depois: Buuu! Na orelha dela, bem alto — inventei de assustar! Sim... bem, dá até vergonha contar, senhores! Não, melhor não. Não vou mais contar!

— Ora essa! E depois?

— Ora, nada disso, conte! Agora conte! — ouviu-se de todos os lados.

— Ergueram-se boatos, mexericos, meus senhores, ais e uis! Que travesso que eu era, que engraçadinho, tinha assustado a todos, mas tudo tão açucarado, eu até fiquei com vergonha, estava ali, pensando com paixão: como é que um pobre pecador tem um lugar santo como esse! “Ai, meu querido”, choramingou a conselheira, “assustou-me tanto que as pernas estão tremendo até agora, mal conseguem se firmar! Fui correndo, meio louca, falar com Macha: Máchenka, eu disse, o que vai ser de nós! Veja só, aquele *seu*, que tipo é! Que pecado o meu, querido, você perdoe essa velha, cometi uma gafe. Então pensei: depois que saiu daqui ontem, foi pra casa tarde, começou a pensar, quem sabe, talvez tenha achado que ontem o bajulamos intencionalmente, com artimanhas, fiquei até paralisada! Basta, Máchenka, basta, não precisa piscar pra mim, Óssip Mikháilitch não é um estranho; e eu sou sua mãe, não direi nada de mal! Graças a Deus, estou neste mundo há mais de vinte anos: quarenta e cinco anos inteiros!”

Então, senhores! Por pouco não me esborrachei ali mesmo, aos seus pés! De novo derramamos lágrimas, de novo beijos! Começamos com piadas! Fedossiêi Nikoláitch também se permitiu inventar umas piadas de primeiro de abril! Disse então: apareceu um pássaro de fogo, com bico de brilhante, e no bico trazia uma carta! Veja só o que inventou, foi uma risada e tanto! Que comoção! *Fuu!* É até vergonhoso contar.

Pois então, meus queridinhos, agora falta pouco! Assim passamos um dia, outro, um terceiro, uma semana; e eu já completamente noivo! Pra quê! Alianças encomendadas, marcaram o dia, só não queriam anunciar antes do tempo, iam esperar o inspetor. Eu não aguentava mais esperar, a minha felicidade dependia dele! Se pudesse liberar logo o tal, eu pensava. Enquanto isso Fedossiêi Nikoláitch, alegre e azafamado, ia deixando todos os negócios em cima de mim: contas, escrever informes, fazer balanços; olho aquilo: a mais terrível desordem, tudo largado, cheio de garranchos e risquinhos! Bem, penso, uma labuta pelo meu sogrinho! Enquanto isso, ele passa mal, cai doente e, pelo visto, vai piorando dia após dia. E eu também, fino feito um palito, à noite não durmo, com medo de não aguentar! No entanto, terminei o negócio às mil maravilhas! No prazo! De repente mandaram me chamar às pressas. “Rápido”, disseram, “Fedossiêi Nikoláitch está mal!” Saio correndo, quebrando a cabeça: o que será? Chego lá, olho: o meu Fedossiêi Nikoláitch sentado, enrolado, tinha aplicado vinagre na cabeça, fazia caretas, gemia, soltava ais, oh e mais oh! “Meu querido, meu amado”, disse, “vou morrer, aos cuidados de quem deixarei vocês, meus pintinhos?” A esposa e as crianças chegaram, arrastados, Máchenka em lágrimas, e até eu caí no choro! “Não, não

será assim”, disse, “Deus terá misericórdia! Não cobrará de vocês pelos meus pecados!” Aqui dispensou todos eles, ordenou trancar a porta, ficamos só nós dois, olho no olho. “Tenho um pedido a lhe fazer!” — “Qual?” — “É, irmão, nem no leito de morte temos sossego, estou em apuros!” — “Como assim?” Eu até empalideci, perdi a fala. “Pois é isso, irmão, tive de pegar a mais do erário; eu, irmão, para o bem geral não faço conta de nada, nem da própria vida! Você não pense mal de mim! Fico pesaroso porque uns caluniadores mancharam o meu nome diante de você... Você se enganou, vivi amargurado desde então! O inspetor está chegando, e na casa de Matvéiev faltam sete mil, mas quem responde por isso... sou eu, quem mais? É de mim, irmão, que vão cobrar: o que esperar? E pegar o que de Matvéiev?! Dele já tive bastante; para que ainda mais um golpe no desgraçado?” Deus meu, penso eu, é um justo! Que alma! E ele: “Bem, da filha não quero pegar, do dote que lhe cabe; essa soma é sagrada! Tenho os meus, é verdade, mas estão emprestados com outros, aonde é que vou arranjar agora?”. Eu, nessa hora, assim como estava, caí de joelhos diante dele. “Meu benfeitor”, gritei, “eu o insultei, ofendi demais, caluniadores escreveram contra você, não se torture, pegue de volta o seu dinheirinho!” Ficou olhando pra mim, lágrimas escorriam de seus olhos. “Eu já esperava isso de você, meu filho, levante-se; já o perdoara antes pelas lágrimas de minha filha! Agora o perdoo também com o coração. Você curou, disse ele, as minhas chagas! Eu o abençoo para sempre!” Assim que ele me abençoou, fui a toda para casa, peguei a soma: “Eis aqui tudo, paizinho, gastei só cinquenta rublos!”. — “Não tem problema”, disse ele, “não se deve culpar a pessoa por uma coisa qualquer; o tempo é curto, escreva aí um informe, com data retroativa, dizendo que precisou de um adiantamento do ordenado de cinquenta rublos. Assim eu mostro oficialmente que foi dado a você de adiantamento...”. Pois então, senhores! O que acham? Pois eu escrevi o tal informe!

— E depois? Como é que isso terminou?

— Depois que escrevi o informe, meus senhores, eis o que aconteceu. Um dia depois, no dia seguinte, de manhã bem cedinho, um pacote com o selo do tesouro. Abro e o que vejo? Dispensado! Negócio fechado, faça as contas e pode seguir o seu caminho!

— Como assim?

— Pois foi o que eu fiz, gritei feito um possesso: como assim?! Senhores! Os meus ouvidos zuniam! Eu pensei: foi um acaso, o inspetor chegou à cidade. Meu coração sobressaltou-se! Mas depois, pensei, foi de caso pensado! Do jeito que estava fui procurar Fedossiêi Nikoláitch: “O que é isso?”, eu disse. — “Isso o quê?”, disse ele. — “Esta dispensa, ora!” — “Que dispensa?” — “Esta!” — “É isso, uma dispensa!” — “Mas, como assim, eu pedi, por acaso?” — “Como não, o senhor entregou o informe, no primeiro de abril entregou.” (Pois eu não tinha pegado o papel de volta!) — “Fedossiêi Nikoláitch! Será que estou ouvindo isso, será que estou vendo isso!” — “O que há?” — “Senhor, Deus meu!” — “Sinto muito, senhor, sinto muito, realmente, é uma pena que resolveu pedir dispensa tão cedo! O jovem precisa servir, mas, o senhor, parece que não está bem da cabeça. Quanto ao atestado de bons serviços, fique tranquilo: eu cuidarei disso. O senhor sempre prestou

bons serviços!” — “Mas se eu estava de brincadeira, Fedossiêi Nikoláitch! Eu não queria, eu só entreguei o papel em família... foi isso!” — “Como assim? Que brincadeira, senhor! Será que se pode brincar com esses documentos! O senhor vai acabar na Sibéria por causa dessas brincadeiras. Agora adeus, estou sem tempo, temos um inspetor, as obrigações do serviço acima de tudo; o senhor está de papo pro ar, mas nós temos o nosso serviço. Mas eu vou fazer o seu atestado, como deve ser. E mais uma coisa, negocie a compra da casa de Matvéiev, vamos nos mudar por esses dias, de modo que espero não ter o prazer de vê-lo no novo endereço. Boa viagem!” Corri para casa às pressas: “Estamos perdidos, vovó!”. Ela rugiu, colérica; nesse momento, vimos que vinha chegando um moleque, da parte de Fedossiêi Nikoláitch, com um bilhete e uma gaiola, dentro da gaiola um estorninho; era o mesmo que eu, transbordando de sentimentos, tinha dado a ela de presente, um estorninho falante; e no bilhete estava escrito: *primeiro de abril*, além disso não havia mais nada. Pois então, senhores, o que acharam?

— Mas, e depois, o que aconteceu depois???

— Depois! Uma vez encontrei Fedossiêi Nikoláitch, queria dizer na cara dele: canalha...

— E...

— Não sei por quê, não disse nada, senhores!

(1848)

As notas dos tradutores fecham com (N. do T.) ou (N. da T.); as das edições russas, com (N. da E.) e as dos autores, com (N. do A.).

¹ Nome derivado do verbo *polzat*: rastejar, humilhar-se, rebaixar-se. (N. da T.)

² Corruptela do patronímico Nikoláievitch. (N. da T.)

³ Corruptela do patronímico Mikháilovitch. (N. da T.)

⁴ Palavras de Tchátски na peça *Góre ot umá* (*A desgraça de ter espírito*), de Griboiédov, ato I, cena 7, alusivas ao poema de G. R. Derjávín, “Harpa” (1798) — numa referência ao dito latino “*Dulcis fumus patriae*”. (N. da E.)

⁵ Antiga medida russa equivalente a 16,3 kg. (N. da T.)

⁶ Na Igreja Ortodoxa Russa, o dia da santa Maria Egípcíaca é comemorado em 14 de abril (primeiro de abril no calendário juliano). Boris Schnaiderman chama a atenção para a importância dessa santa em “Polzunkov” e em outras obras de Dostoiévski, pela “ligação íntima entre o que se considera pecado e a maior elevação moral”: “trata-se de uma santa que, para realizar uma de suas obras, teve de atravessar um rio, e o único barqueiro exigiu-lhe em pagamento a participação sexual. E ela não teve dúvida em aceder à exigência para cumprir a sua sagrada tarefa” (*Tradução, ato desmedido*, São Paulo, Perspectiva, 2011, pp. 27-8). (N. da T.)

⁷ Tem-se em vista a romança popular de M. Iu. Vielgórski, cuja letra é a elegia de K. N. Batiúchkov “Separação” (“O hussardo, apoiando-se no sabre...”), de 1812-13. Essa mesma romança

é lembrada pela personagem Catierina Ivánovna em *Crime e castigo*. (N. da E.)

8 Hipocorístico de Sofron. (N. da T.)

9 Paráfrase do ensinamento evangélico: “Mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra” (*Mateus*, 5, 39). (N. da T.)

Sobre a tradutora

Denise Sales é tradutora, doutora em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo. Formada em Jornalismo, trabalhou na Rádio Estatal de Moscou como repórter e locutora. Publicou diversas traduções, entre elas a novela *Minha vida*, de Anton Tchekhov (Editora 34, 2011).

Este conto integra a *Nova antologia do conto russo (1792-1998)*, que tem organização, apresentação e notas de Bruno Barretto Gomide, traduções de Arlete Cavaliere, Aurora Fornoni Bernardini, Boris Schnaiderman, Cecília Rosas, Daniela Mountian, Denise Sales, Fátima Bianchi, Graziela Schneider, Lucas Simone, Mário Ramos, Moissei Mountian, Natalia Marcelli de Carvalho, Nivaldo dos Santos, Noé Silva e Yulia Mikaelyan, e traz quarenta contos de quarenta autores (São Paulo, Editora 34, 2011, 648 p.).

Uma seleção de vinte contos desta antologia pode ser adquirida, individualmente ou em conjunto (*Nova antologia do conto russo: uma seleção*), em formato digital. O conto “Insolação”, de Ivan Búnin, está sendo disponibilizado gratuitamente.

Título original: “Polzunkov”, em *Sobránie sotchiniénii v piatnádtsati tomakh*, Leningrado, Naúka, 1988.

Copyright © Editora 34 Ltda., 2011

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão: Cide Piquet, Lucas Simone e Isabel Junqueira

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777

www.editora34.com.br ebook@editora34.com.br